

# **HINO DE RESISTÊNCIA DO POVO EXCLUÍDO**

## **Uma leitura latino-americana do 4º Cântico do Servo Sofredor**

*Marcelo Barros*

Em diversos países do continente latino-americano, um dos fenômenos sociais mais incríveis é não somente a resistência, mas o recente fortalecimento de movimentos indígenas e populares. No México, desde a insurreição de Chiapas (1994), as comunidades índias fazem ouvir sua voz em todo o contexto nacional, até mesmo no Congresso. Nos Andes, organizações indígenas têm se fortalecido e, em um país como a Bolívia, têm conquistado direitos na nova Constituição, aprovada por todo o povo. No Brasil, em anos recentes, mais de trinta grupos indígenas, antes considerados extintos, se mostram vivos, florescentes e vêm revelando uma nova capacidade organizativa e com teor social e político. Estes movimentos índios se unem às mobilizações de lavradores e de outros setores empobrecidos que conquistam vez e voz na sociedade. Eles mostram que, no continente, existe um processo de transformação social que, mesmo ainda incipiente, é grávido de esperanças e de novas conquistas sociais. Quem conhece a história dos nossos países sabe da extrema marginalização dos setores populares. A concentração de poder e riqueza nas mãos de uma elite escravagista pareceria nunca permitir a menor mudança nas relações sociais. Entretanto, surpreendentemente, vários países estão vivendo um novo processo social e político que pode mudar a história de todo o continente.

Uma novidade de vários destes movimentos populares é a participação de cristãos, assim como de crentes de religiões indígenas e negras no processo das lutas e reivindicações sociais. Os movimentos sociais têm sido cenários de um novo tipo de macroecumenismo e colaboração de diversas tradições espirituais. Cristãos que antes se pensavam como detentores da verdade e não davam aos outros pleno direito de existência e validade espiritual, agora, por sua própria fé, se sentem chamados a valorizar outras tradições e a testemunhar a ação maravilhosa e libertadora do Espírito na caminhada independente de outros grupos culturais e religiosos, presentes e atuantes no processo social de libertação dos povos. Nesta mudança de postura espiritual, a leitura bíblica, feita de forma nova e original por muitos grupos do continente, tem tido uma influência benéfica e salutar. Um dos textos bíblicos que podem ser recordados e lidos com proveito neste processo é o chamado 4º Cântico do Servo de Deus, no livro do segundo Isaías (cf. Is 52,13–53,12). Sem pretender levantar todas as questões de exegese que este poema tem suscitado, me proponho a aprofundar com vocês alguns aspectos desta leitura bíblica, justamente para compreender melhor o que está acontecendo no continente e nos estimular a participar desta hora de graça e salvação, pela qual passam nossos povos.

## 1. Aproximações exegeticas do cântico de Isaías

Desde o final do século XIX<sup>1</sup>, a maioria dos/as exegetas concorda em denominar de “cânticos do Servo Sofredor” quatro poemas inseridos na segunda parte do livro do profeta Isaías que, atualmente, a exegese chama de 2º Isaías (Is 40–55). Estes poemas, dedicados a uma figura misteriosa, comumente chamada de “Servo do Senhor”, têm uma grande importância na tradição judaica e em todo o Novo Testamento, assim como pode ser considerado um texto bíblico central para as massas empobrecidas da América Latina. A interpretação destes poemas constitui um dos pontos mais controvertidos da exegese judaica e cristã<sup>2</sup>. Nas breves páginas deste artigo e com o objetivo a que nos propomos, não podemos entrar aqui neste terreno. Só aludo a algumas questões e tomo algumas propostas como possíveis soluções. Uma primeira e grande discussão é sobre quem seria este personagem do Servo. É a pergunta que, segundo os Atos dos Apóstolos, ao ler este texto, o eunuco etíope faz ao diácono Filipe: “De quem o profeta está falando: de si mesmo ou de um outro” (At 8, 34)? As pessoas estudiosas do texto se dividem. Várias optam por uma interpretação coletiva: o servo seria o povo de Israel. Outras preferem uma interpretação individual: se trataria de um profeta contemporâneo do texto ou de alguma figura do passado. Outros ainda explicam que o correto pode ser uma interpretação mista. Alguns versículos veem o servo como uma figura coletiva. Outros aludem claramente a alguém individual. “Se sua interpretação num sentido coletivo monopolizou os esforços exegeticos do judaísmo tanto palestino quanto helenístico (ver os LXX), permanecem nos textos posteriores vestígios de uma compreensão individual”<sup>3</sup>.

Outras discussões se fazem sobre os limites exatos dos cânticos e até mesmo sobre o número destes poemas. Em geral, a maioria dos/das exegetas opta por identificar quatro cânticos: o primeiro cântico do Servo: Is 42,1-7; o segundo: Is 49,1-6. O terceiro está em Is 50,4-9 e o quarto, que nos propomos a estudar aqui, se encontra em Is 52,13–53,12.

Na tradição judaica, estes poemas representam um passo fundamental para a transformação do messianismo real davídico (o Messias será um príncipe) para o messianismo profético (será um profeta). Profeta é o primeiro sentido bíblico do termo *'ebed*. Segundo os contextos literários e sociológicos, *'ebed* designa um servo ou escravo, cuja dignidade varia de acordo com o seu ofício e a de seu amo. Ao se referir a Deus (servo do Senhor), o termo designaria um profeta ou porta-voz divino. Estes poemas são citados, ou claramente ou em alusões mais discretas, em diversos textos apo-

1. A percepção de que estes textos formam no conjunto da profecia do 2º Isaías um conjunto de quatro poemas vem do final do século XIX. Quem primeiro escreveu sobre isso foi B. Duhm em 1892. Ele considerava estes cânticos uma obra independente, posteriormente colocada no livro do 2º Isaías. Cf. VALMOR DA SILVA, *Eis meu Servo*, Leituras do primeiro canto do Servo do Senhor, segundo Is 42,1-7, in *Estudos Bíblicos* 89, 2006/1, p. 44-59.

2. Cf. BERNARD RENAUD, *Servo de Javé*, in JEAN-YVES LACOSTE (organizador). *Dicionário Crítico de Teologia*, Paulinas, Loyola, 2004, p. 1660-1663. Ver ainda: P. GRELOT, *Les poèmes du Serviteur: de la lecture critique à l'hermeneutique*, Col. Lectio Divina 103, Paris, Ed. du Cerf, 1981; P. BEAUCHAMP, *Lecture et relectures du quatrième chant du Serviteur*, in *The Book of Isaiah, BETL*, 81, Louvain, 1989. E vários outros estudos.

3. BERNARD RENAUD, *Servo de Javé*, in JEAN-YVES LACOSTE (organizador). *Dicionário Crítico de Teologia*, Paulinas, Loyola, 2004, p. 1662.

calípticos do primeiro testamento (cf., por exemplo, Is 52,14 e 53,2 é citado implicitamente em Dn 1,4 e Is 52,13, em Dn 11,33).

No Novo Testamento, estes poemas são citados mais de 50 vezes, praticamente em todos os livros do cânon neotestamentário. Apesar de que algumas passagens foram citações indiretas, os evangelhos mostram Jesus se referindo diretamente a estes textos como profecias sobre sua missão. Principalmente o quarto cântico, ao qual nos dedicaremos aqui, forneceu às primeiras comunidades cristãs uma contribuição essencial para a compreensão da morte de Jesus na cruz.

É possível que o conjunto dos poemas seja obra de um discípulo do segundo Isaías que, partindo de fragmentos autobiográficos de seu mestre e reutilizando oráculos atribuídos a Ciro, rei da Pérsia (Is 42,5-9), teria traçado o itinerário espiritual de um servo ideal, cujo modelo seria o próprio segundo Isaías. No quarto cântico, especificamente, a entrega e sacrifício do servo, assim como sua morte, tomariam valor de sacrifício expiatório (*'asham*: Is 54,10).

O contexto histórico parece ser o do exílio ou o do final do período do cativo da Babilônia. E o contexto literário de todo o conjunto do 2º Isaías é de uma obra poética e até composta de hinos litúrgicos. Provavelmente, os poemas originados na situação do cativo foram reorganizados e cantados, quando o templo de Jerusalém foi reedificado depois da experiência do exílio. É a posição de Milton Schwantes: “Situáramos nosso Segundo Isaías no exílio, entre os *cantores do templo*. Sua profecia se situa na atmosfera hínica do culto. Não raro se vale da linguagem do saltério. (...) Existem semelhanças entre o Segundo Isaías e o Saltério. (...) A tradição hínica é seu pano de fundo”<sup>4</sup>.

Se o contexto destes poemas é o de hinos litúrgicos cantados no segundo templo, o estudo do quarto poema cabe bem neste número da nossa revista toda dedicada a hinos bíblicos.

## **2. Algumas perguntas a partir da América Latina**

Quando Carlos Mesters publicou “A missão do povo que sofre”, livro que teve tradução em diversas línguas e marcou muito do itinerário de nossas comunidades cristãs de base, ele dizia que as pessoas sofredoras precisam encontrar sentido para o sofrimento libertador, ou seja, aquele que se assume porque ele pode produzir efeitos claros de libertação e vida – riscos de prisão ou perseguição pela causa da justiça e da verdade, sofrimentos oriundos do compromisso com a caminhada, mas precisavam também encontrar razão de ser nos sofrimentos que parecem absurdos: a morte de uma criancinha inocente, uma doença inexplicável e que faz a pessoa sofrer, uma mãe que perde um filho na violência urbana e assim por diante. Em um determinado momento, ainda introduzindo o assunto, Carlos colocava as questões que todo mundo se põe: “Por que existe tanta dor no mundo? Para que serve tanto sofrimento? Por que são

4. MILTON SCHWANTES, *Sufrimento e Esperança no Exílio*, São Paulo: Paulinas, 2007, p. 118-119.

sempre os pequenos, os pobres e os inocentes que devem carregar a maior parte da cruz? E de onde este povo tira a força para aguentar tanta dor e resistir durante tanto tempo sem perder a esperança e a vontade de lutar?”<sup>5</sup>

Naquela época, muitos de nós, inseridos nas comunidades, tínhamos a tendência de ver tudo como questão diretamente social e política. Por isso, muito sabiamente, Carlos Mesters nos pedia para olhar mais longe e de forma mais profunda. Tocava nas chagas vivas do povo que nem sempre são apenas, ao menos diretamente, efeitos da opressão social e política. Uma pessoa que nasceu cega ou aleijada, uma mãe que perde um filho no caminho do hospital sempre pode analisar sua dor do ponto de vista da questão de classe. “Se eu fosse rica, ou tivesse recursos, isso não teria ocorrido desta forma”, mas não é a questão única e nem sempre a primeira.

Na época, um sociólogo, assessor de Cebs, ao ler este livro do Carlos, escreveu uma reação tentando ponderar que o sofrimento inocente não pode ser assumido no sentido de aceite e que, quando se trata de injustiça, vale sempre o que, no tempo do nazismo, dizia o teólogo luterano Dietrich Bonhoeffer: “Do mal não basta fugir. É preciso combater!” Evidentemente, Carlos Mesters não negava isso, nem propunha uma canonização do sofrimento em si mesmo. Entretanto, uma pergunta que me fica hoje, ao reler o seu livro, é “até que ponto o sofrimento natural ou qualquer tipo de sofrimento pode ser visto na mesma linha ou direção do sofrimento do Servo Sofredor de Deus na Bíblia?” Carlos mais põe a questão e deixa a quem está lendo a responsabilidade de continuar a reflexão. Esta mesma questão tem sido levantada sobre os sofrimentos e a cruz de Jesus. Quando Jesus nos manda, como discípulos, assumir a cruz de cada dia e segui-lo, o que seria esta cruz? Uma doença natural, uma dor corporal, uma decepção afetiva, uma desilusão de amizade, podem ser vistas como cruz?

Todos sabemos a importância deste cântico do Servo Sofredor para a interpretação sacrificial da morte de Jesus. Toda a tradição cristã diz “Jesus morreu por nós” e se baseia nas palavras do cântico do Servo de Deus: “ele carregou nossas enfermidades e se encarregou de nossas dores... Foi esmagado por causa de nossas faltas. Por meio de suas feridas, fomos curados” (Is 53,4-5). Este texto pode ser interpretado de vários modos, mas, na realidade latino-americana, a interpretação sacrificial da morte de Jesus, como também do martírio dos justos, muitas vezes, teve uma influência nem sempre positiva em nossa história. Em parte, diminuiu a importância da dimensão histórica e concreta de um crime que o poder religioso e o poder político, juntos, perpetraram. Além disso, em vários momentos, os cânticos do Servo foram usados para dizer aos índios e negros escravizados que eles, em seu sofrimento, se tornavam semelhantes a Jesus. Deveriam, portanto, se resignar a sofrer, porque a escravidão era para eles um caminho de santificação. O próprio padre Antônio Vieira, defensor dos índios, em alguns sermões, falou assim aos negros. Até hoje, as interpretações da paixão de Jesus Cristo nas Igrejas ainda devem se cuidar para não testemunhar um Deus violento e sanguinário que precisava que seu Filho fosse morto na cruz para reconciliar consigo a

5. CARLOS MESTERS, *A missão do povo que sofre*, Petrópolis: Vozes, 1981, p. 15.



humanidade pecadora, assim como também correm o risco de sacralizar a violência no sacrifício de uma vítima pela multidão<sup>6</sup>.

Ainda uma questão entre outras: na América Latina, como no mundo todo, são as mulheres, assim como as crianças, as vítimas primeiras e maiores da pobreza injusta, das guerras e mesmo da violência urbana que lhes rouba filhos e maridos. São as negras e, em alguns países, as índias, as mulheres mais empobrecidas e exploradas da sociedade. Seria possível reler os cânticos do Servo Sofredor e, especialmente, o quarto cântico, tendo como personagem central não um Servo, mas uma Serva? Se fazemos esta releitura que não é apenas feminista, mas real para o mundo atual, o que mudaria no contexto do cântico e na sua palavra para hoje?

### 3. Uma leitura do quarto cântico do Servo

Peço permissão para reproduzir aqui uma tradução possível deste texto. Para isso sigo a Bíblia de Jerusalém; em alguns versículos, prefiro a TEB (Tradução Ecu-  
mênica da Bíblia) e ainda a tradução do João Ferreira de Almeida (Editora Bíblica) e do Frei Carlos Mesters<sup>7</sup>. Em alguns momentos, tento uma tradução que seja mais fiel ao texto, mas ao mesmo tempo atualizada.

Is 52,13: “Eis que meu servo terá êxito (iluminará). Ele será elevado e posto nas alturas.

14 Muita gente ficou espantada a seu respeito – tão desfigurado estava o seu aspecto. Sua aparência nem parecia humana.

15 Assim ele espantará muitas nações. A seu respeito, reis taparão a boca; pois verão aquilo que não se lhes havia anunciado, e entenderão aquilo que não tinham ouvido.

Is 53

1 Quem deu crédito àquilo que ouvimos? e a quem se manifestou o braço do Senhor?

2 Ele cresceu diante dele como um broto novo; como raiz que sai de uma terra seca. Não tinha beleza que atraísse o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar.

3 Era desprezado, e rejeitado pelos homens; sujeito a dores e familiarizado com os sofrimentos. Como uma pessoa de quem todo mundo esconde o rosto, era desprezado e não fazíamos dele caso algum.

6. Cf. RENÉ GIRARD, *Des Choses Cachées depuis la fondation du monde*, Paris: Grasset, 1995, p. 233-236. Nesta obra e em outras, Girard desenvolve sua teoria da violência gerada pela crise mimética. No caso do Servo Sofredor, este livro fala dele claramente como uma espécie de *bode expiatório* humano e inocente, mas que precisa ser sacrificado para aplacar a violência da coletividade. Pessoalmente, não faria este tipo de exegese do texto que me parece mais profundo e menos centrado no sacrifício, mas concordo que este tipo de interpretação é de vez em quando ou feita claramente ou pelo menos subtendida na forma como as Igrejas falam do sacrifício do Servo e do Cristo, como ainda dos sacrifícios pelos que nosso povo empobrecido e explorado ainda passa.

7. Cf. CARLOS MESTERS, *A Missão do povo que sofre*.

4 Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades. Foram as dores nossas que ele suportou. E nós o considerávamos como vítima de um castigo, ferido por Deus e humilhado.

5 Mas foi por causa das nossas transgressões que ele foi ferido. Foi esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de nos trazer a paz estava sobre ele. Por suas feridas, fomos curados.

6 Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

7 Maltratado, ele se humilha. Não abre a boca. Como um cordeiro levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a boca.

8 Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os da sua geração, quem se preocupa com ele? Quem considerou que ele foi cortado da terra dos vivos e foi ferido por causa da transgressão do meu povo?

9 Deram-lhe a sepultura com os maus, e o seu túmulo está com os ricos, embora nunca tivesse cometido violência, nem houvesse injustiça em sua boca.

10 Oh, Senhor, que o teu Servo, quebrado pelo sofrimento, possa agradar-te! Aceita a sua vida como sacrifício de expiação. Que ele possa ver seus descendentes e ter longa vida! Que o teu projeto se realize por meio dele.

11 Por ter pago como preço a sua própria vida, ele verá os seus descendentes e terá vida plena. Na medida em que for reconhecido como justo, o meu Servo irá trazer a justiça para muitos, pois tomou sobre si as falhas que eles cometeram.

12 Por isso, eu lhe darei as multidões como herança e receberá os povos como prêmio. Visto que expôs a sua vida até a morte, e foi contado com os transgressores, ele tomou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.

A primeira coisa que nos chama a atenção é o fato de que o Servo Sofredor não é o protagonista ou o sujeito deste cântico. Apesar de ser sobre ele, não é ele que fala. Não é ele o profeta. O cântico tem várias vozes e é importante detectar esta diversidade de atores na continuidade do poema. No começo e no final do cântico se ouve a própria voz divina: “Eis que meu servo (*‘abdi*) prosperará ou terá êxito...” (Is 52,13). A mesma voz retoma nos versículos 11 e 12 do capítulo seguinte: “Pelo seu conhecimento, o meu servo... Por isso, eu lhe darei...”

No primeiro versículo do capítulo 53, é um grupo que se expressa como “nós” e evoca tanto o Servo, como a Deus. “Quem deu crédito àquilo que ouvimos?”... Quem seria este “nós”? A TEB afirma se tratar do povo de Israel ou, ao menos, do grupo das pessoas que, no seio deste povo, ouve o que as nações e poderosos do mundo não conseguem ouvir (52,15–53,1). A partir do 53,7, o “nós” desaparece. Então, poderíamos fazer uma organização assim do cântico:

1. O Senhor anuncia a vitória do Servo desprezado que espantará o mundo inteiro (e o cântico tem esta dimensão universal). Is 52,13-15.

2. O povo ou uma comunidade, com surpresa, reconhece que o Senhor é justo e que “nós” somos pecadores. 53,1.7a.
3. O profeta ou a pessoa que escreve prolonga o poema, meditando sobre a morte do Servo Sofredor e pede ao Senhor que a aceite. 53,7b-10.
4. O Senhor responde à prece: mesmo depois de sofrer tanto, o Servo será “premiado” ou “vitorioso” e sua mediação pelo povo será aceita. 53,11-12.

O poema se desenvolve como um diálogo com várias vozes (Deus, comunidade e profeta) que esclarecem cada uma diferentes pontos de vista a respeito do Servo. Em nenhum momento, Deus fala de castigo ou expiação. Ao contrário, Deus enaltece e protege o Servo. O povo se espanta com o que pensava do Servo e o que agora percebe. Há um fato novo, inaudito. O profeta descreve o que aconteceu com o Servo (o julgamento, a morte e a sepultura). Mas, o próprio Servo permanece mudo. Não fala nada. Seria mais um sinal da desumanização que ele sofre? Lembremos que Paulo Freire dizia que o analfabeto não é tanto a pessoa que não sabe ler e sim quem não consegue falar. Não tem voz. Nos anos 60, Dom Hélder Câmara se dizia “a voz dos que não têm voz”. Depois, ele lutou para que todos tivessem, eles e elas mesmos, o poder de falar. Neste cântico, o Servo ou serva de Deus não tem voz. Fala-se por ele.

Um problema central é “a quem se manifestou o braço do Senhor?” (53,1), ou dito de outra forma: “sobre quem o braço do Senhor caiu ou em quem bateu?” A resposta praticamente dada pelo cântico é que foi na pessoa do Servo. Incomoda-nos quando, no final do poema, o profeta ou quem quer que seja, diz “que foi a vontade do Senhor feri-lo” (v. 10). A gente sabe que, para a mentalidade de Israel na época, era natural pensar que se ele sofria era porque deve ter pecado (v. 4). Este tipo de discurso se parece com os argumentos dos amigos de Jó em seus discursos (cf. o discurso de Elifaz em Jó 4; as palavras de Bildad, o suíta, no cap. 8; os argumentos de Zofar, o naamatita, no cap. 11 e muitos outros textos). Depois, o povo ou o profeta descobre que se o servo tinha sido ferido por Deus, não o foi por causa de seus pecados próprios e sim pelas “nossas” faltas. O que nos incomoda é que continuam atribuindo esta ação a Deus e não ao mundo, ou aos poderosos ou ao próprio povo. O próprio texto esclarece que o Servo foi preso, foi julgado, foi condenado à morte e foi assassinado e sepultado, sem que sua geração se preocupasse com ele (53,8). Ora, isso em si nada teria a ver com Deus ou com atos divinos. O modo como o texto fala do processo de condenação e da morte do Servo parece aludir a problemas de caráter social e político. Se não fosse assim, por que julgamento injusto e por que depois sepultura entre os ricos e os maus?

A comunidade de Israel parece ter refletido sobre este processo e percebido que se omitiu e, de certa forma, tornou-se culpada do que ocorreu. Tudo isso é muito humano e não precisa de motivação espiritualista que usa o nome divino.

É claro que se pode compreender o “por nós” ou “pelos nossos pecados”, como instrumental. Não foi Deus que o fez sofrer. Fomos nós mesmos. Ele sofreu como vítima de nossas ações. Poder-se-ia fazer esta leitura “nova” do texto, no lugar da leitura

tradicional “o castigo que haveria de trazer a paz para nós...”, isto é, o preço do perdão de Deus para os nossos pecados, ele pagou...

Seja como for, é importante salientar que o cântico não é tanto sobre o Servo como herói em seus sofrimentos e sim sobre a conversão das testemunhas – (quem acreditaria, nós o víamos como castigado, nós desviávamos a vista dele) para, pouco a pouco, descobrir que a culpa foi nossa e não dele e que, em seu sofrimento e paixão, ele foi justificado e aceito por Deus. Vão além disso e é um passo novo: descobrem que o Servo, por sua ação solidária, ajudou a todos. Morreu por todos. Como não sabemos da conjuntura histórica a qual o cântico faz referência, não adianta construir romances ou relatos fictícios. O que parece é ter sido algo ligado à sorte dos israelitas no cativeiro da Babilônia. Ele teria assumido a culpa sozinho e assumido o fato de ser condenado à morte por uma “questão” na qual vários ou muitos estavam implicados? Isso aconteceu, dizem com Tupaq Amaru no Peru do século XVIII. Entregou-se aos espanhóis para que não morressem, inutilmente, mais índios. Isso ocorre em muitos movimentos populares. De certa forma, quando Dom Romero sabia que as ameaças de morte que tinha sofrido podiam se realizar a qualquer momento e, assim mesmo, continua sua missão, não tem muito desta atitude de dar a vida pelos outros? Isso não ocorreu no Brasil com o padre Josimo Tavares que dizia: “eu posso sair da região do Bico do Papagaio e escapar com vida, mas há muitos lavradores igualmente ameaçados e estes não podem sair. Por isso, eu ficarei”. E quinze dias depois foi assassinado.

Também é importante no cântico (“quem acreditaria nisso?” – diz o texto) a intervenção inesperada de Deus a favor do seu Servo. Esta ação divina desmente o julgamento humano (ele não era castigado como pecador) e exalta o pequeno. Seria como se, hoje, percebêssemos que as pessoas mais “desprezadas” ou tidas como sem importância fossem consideradas as mais fundamentais para um processo de mudança. Seria como se os ricos se dessem conta de que é o povo mais oprimido que sustenta e paga a sua riqueza. Ou como se os países do Primeiro Mundo reconhecessem que o seu luxo e o seu conforto foram conquistados à custa das populações empobrecidas e vítimas de todo tipo de colonialismo, de ontem e de hoje.

Neste sentido, o quarto cântico do Servo Sofredor de Deus pode ser relido e reinterpretado como a força espiritual que Deus dá aos sofrimentos, aparentemente sem justificativas humanas, que tanta gente padece. Deus não abandona a mãe que perde um filho inocente, uma pessoa que perde o emprego, porque não quis se vender, ou no plano mais comunitário, uma comunidade vítima da violência urbana ou dos grandes narcotraficantes que querem dominar a região. Entretanto, o poema pode ser relido também e interpretado como uma profecia-denúncia de conteúdo social e político, hoje, importante e que, ao mesmo tempo, revela o novo protagonismo dos mais excluídos de nossa sociedade.

#### **4. A questão da violência tida como “redentora”**

Somos obrigados a concordar que, em outros contextos da história e mesmo em certos ambientes eclesiais, os cânticos do Servo Sofredor e especialmente este



quarto cântico puderam ser usados como justificativas teológicas para o sofrimento injusto dos empobrecidos, ou mesmo mais simplesmente para se aceitar como vontade divina a carga de dor e de sofrimento que a vã filosofia dos homens não consegue justificar. Quantas vezes, o “Deus quis assim” ou “a vontade de Deus” foi assimilada a este tipo de leitura bíblica. Pior ainda são certas campanhas recentes, mesmo camufladas, como as que justificam a pena de morte em nossa sociedade que fazem alusão a este tipo de leitura bíblica da paixão de Jesus Cristo, relida à luz de uma exegese fundamentalista deste quarto cântico do Servo Sofredor de Deus. Em 2003, exatamente quando o presidente Bush justificava como a luta do bem contra o mal a invasão violenta ao Afeganistão e logo depois os ataques ao Iraque, sempre usando a Bíblia em suas entrevistas de imprensa, o mundo conheceu o filme “*A Paixão de Cristo*”, dirigida por Mel Gibson. O filme apresentava uma versão extremamente violenta dos últimos dias de Jesus em Jerusalém e claramente dizia que ele tinha de cumprir a vontade do Pai, cumprir as profecias sobre ele e sua paixão (em primeiro lugar, se aludia, é claro a este cântico do Servo Sofredor) e que o Pai exigia de Jesus o abraçar a cruz e sorver até a última gota o cálice da paixão e de todas as suas dores. Mesmo dando a impressão de grande fidelidade aos “acontecimentos”, o filme se baseava em textos evangélicos, vindos de tradições misturadas (Jesus suou suor de sangue como escreveu Lucas, ou no jardim do Getsêmani, veio ao encontro dos inimigos e se entregou voluntariamente como diz o quarto evangelho? Todos os discípulos o abandonaram, como conta Marcos, ou alguns como Pedro e João o seguiram, junto com as mulheres, como deixa claro João? Foi crucificado às nove da manhã e morreu ao meio dia, como escreveu Marcos ou foi crucificado pelo meio dia e entregou o Espírito à nona hora, três da tarde, como afirmam Mateus e Lucas?). O cineasta não se dá conta de que estas fontes sobre as quais ele se apoiou misturando-as respondem a diferentes necessidades das comunidades para as quais foram escritas e não podem ou não deveriam ser assim fundidas de modo acríptico e literal.

A pergunta essencial sobre que tipo de Deus testemunhamos hoje ao propor uma religião baseada na violência do sacrifício de um inocente em prol da multidão pode ser respondida quando descobrimos que Deus não só não praticou ou foi cúmplice da violência, mas, ao contrário, foi e é vítima dela. No cárcere nazista, esperando seu martírio, Dietrich Bonhoeffer falava de um Deus que sofre.

O quarto cântico do Servo Sofredor que aqui relemos pode e deve ser interpretado, não como uma legitimação da violência sagrada, mas, ao contrário, como denúncia da violência, que faz do ser humano vítima do outro ser humano (“quem fez aquilo com o Servo Sofredor não foi e não pode ter sido Deus, embora a comunidade de Israel tenha se expressado no cântico: “Nós pensávamos..., acreditávamos que ele fosse castigado por seus pecados...” É o mesmo tipo de questão levantada pelos discípulos a Jesus sobre o cego de nascença: “Quem pecou, ele ou seus pais, para que ele nascesse cego?” A resposta de Jesus: “Nem ele, nem seus pais pecaram. Ele nasceu assim para que se cumpram as obras de Deus” (cf. Jo 9,2-3) pode soar ambígua no sentido de que o homem teria nascido cego por um plano divino. É importante interpretar o “*para que*”, não no sentido de uma explicação causal e sim de uma finalidade: “foi oportuno

que isso ocorresse para que nele se manifestem as obras de Deus”. É o mesmo tipo de interpretação que se deve dar quando os evangelhos dizem dos sofrimentos ou da paixão de Jesus: “isso aconteceu para que se cumprisse a profecia que diz...” Jesus quis obedecer à profecia, mas não podemos dizer que as profecias o obrigaram a sofrer a paixão ou que ele sofreu porque era o seu destino, sua sina, conforme as profecias prediziam. O sentido das profecias é mais profundo e mais livre do que isso. Depois de sua morte, as pessoas compreenderam o absurdo da paixão e da cruz, relendo os textos proféticos e procurando nestes textos um sentido libertador. Mas, isso se deu depois e *a posteriori* aos fatos. Nem sabemos se o Jesus histórico teria interpretado o seu sofrimento e paixão à luz do cântico ou se deu à sua morte este sentido sacrificial de “morrer por todos”. Tal visão não era comum na cultura judaica, nem parece ter sido histórica.

No caso, o cântico do Servo Sofredor é uma denúncia da violência humana, mas é também uma resposta radical à violência. Não reproduz o mal que procura combater, evitando entrar assim no que Dom Hélder Câmara chamava de “*espiral da violência*”, ou da vingança. Aliás, no versículo 9 do cap. 53, quando o texto diz que “o Servo foi sepultado entre os ricos”, ele associa o ser rico a ser injusto e mesmo ímpio. E a tradução de João Ferreira de Almeida diz: “embora ele nunca tivesse cometido injustiça”. Este versículo, um exegeta francês traduz assim: “enquanto ele praticou a não violência e não havia mentira em sua boca”<sup>8</sup>.

O termo *redenção* surgiu no vocabulário do resgate ou compra dos escravos e hoje teria de ser ressignificado para que não fique sombra de dúvida de que nosso Deus não liberta legitimando os instrumentos da escravidão ou da visão opressora. Neste sentido, a violência nunca poderia ser considerada como redentora ou salvadora. Nem ninguém poderia ser salvador dos outros através da violência mesmo vicária e sobre o inocente. O que salva neste caso, sim, e aí pode ser em qualquer contexto, mesmo no coração da maior violência é a solidariedade. O amor solidário parece ter sido a força que fez Jesus assumir a cruz. Podemos dizer sim que ele morreu por nós, no sentido que a parábola do verdadeiro pastor declara: “Ninguém tira minha vida. Eu a dou livremente. O Pai me dá o poder de dar a vida e de retomá-la...” (Jo 10,18). Do mesmo modo, assim como pode ser a exegese mais atualizada para o fato do Servo ter assumido nossas dores e ser ferido por nossas falhas.

## **5. Para reler o Cântico na liturgia da vida, hoje**

Nos últimos anos, tenho tido dificuldade com os cânticos do Servo Sofredor e, principalmente, na liturgia latina da tarde da Sexta-feira Santa, quando se proclama este quarto cântico do Servo, ligado à leitura da paixão de Jesus Cristo segundo João, lida e interpretada à luz do cântico, logo a seguir. Devendo refletir agora sobre este texto e até ao tentar lhe dar uma tradução que fosse nova, mas fiel, ele se manifestou sob novo olhar.

8. Cf. ANDRÉ WÉNIN, *La Bible ou la violence surmontée*, Paris, Desclée de Brouwer, 2008, p. 121-122.

Desde algumas décadas, na Psicologia, existe o termo *resiliência*. É uma noção que os psicólogos tomaram emprestado da Física. Na ciência física, chama-se *resiliência* a capacidade que tem certos corpos a reagir à agressão e ao ferimento profundo, não somente resistindo ou não morrendo, mas, até ao contrário, se fortalecendo. Seria algo comparado a um aço ou uma massa que, ao sofrer um forte impacto, se torna mais rígida, mais compacta e, portanto, mais forte. Psicólogos perceberam que algumas pessoas também reagem assim. Enquanto, diante de uma perda terrível ou de uma tragédia familiar, uma pessoa se desespera e se autodestrói, ao contrário, outra se fortalece e se renova. É um fenômeno real e ocorre quase como naturalmente. Não depende da fé. Existem pessoas de muita fé que, na provação, sucumbem e pessoas sem esta referência que se revelam resistentes e capazes de se renovar diante da tragédia. Possivelmente, é esta dimensão humana que pode ser desenvolvida espiritualmente em uma perspectiva de missão (a linguagem antiga diria de *redenção*?) e que poderia nos fornecer um novo prisma de interpretação da figura do Servo Sofredor e do que sobre ele diz o quarto cântico.

Jean-Yves Leloup diz que há quatro elementos universais que, juntos ou separados, aqui ou ali, se põem em nosso caminho: “o sofrimento, a solidão, o absurdo e a morte. O sofrimento físico ou psíquico e, em muitos casos, dos dois tipos é o cotidiano de muitas vidas. A solidão é inevitável mesmo na realidade dos casamentos mais unidos e o isolamento, sua radicalização mais triste, é o fantasma que ronda nossas carências. O absurdo pode ser definido como aquelas situações com as quais nos defrontamos sem compreender por que acontecem. É o que não tem razão de ser e nós não encontramos sentido em tal coisa, mas ocorre e temos de enfrentar. O mais inevitável de tudo é a morte das pessoas que nos são queridas e a perspectiva real de morrer. A sociedade atual disfarça enquanto pode, mas todos nós sabemos que o inevitável nos espera no caminho e sem desvio possível”<sup>9</sup>. Como viver isso na perspectiva da missão? Este é o dilema colocado no cântico para o Servo Sofredor.

Não há dúvida que todo e qualquer tipo de sofrimento, tanto o sofrimento que vem claramente da missão e de suas consequências, como o sofrimento que aparentemente seria tido como natural ou até absurdo pode ser assumido como cruz, à medida que não somente não impede a missão, mas se torne instrumento de amor solidário. Neste caso, não é o sofrimento em si que é cruz ou que pode ser assimilado ao sofrimento do Servo Sofredor e sim a capacidade de fazer deste sofrimento, seja ele qual for, instrumento de resistência e força na caminhada de libertação e de vida. Ao reler e meditar no quarto cântico do Servo Sofredor, me sinto confirmado na certeza de que “Deus escolheu o que, aos olhos do mundo, é vil e desprezível para confundir o que é tido como o bom e forte” (1Cor 1,28). Em seu desígnio de amor, “escondeu seus segredos aos sábios e inteligentes e os revelou aos pequeninos” (Mt 11,25).

Na América Latina de hoje, os movimentos sociais dos pequenos mostra uma força social e política que ninguém antes imaginava. Na Argentina, um presidente foi

9. JEAN-YVES LELOUP, *Enraizamento e abertura, Conferências de Sainte-Baume*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 49s.

tirado do poder não pela mobilização de sindicatos ou pela ação de partidos políticos de oposição, mas de gente da rua que começou a bater panelas (*piqueteros*). Na Bolívia, toda a transformação social e política começou com mobilizações de índios no Altiplano andino. No Brasil, os meninos de rua, assim como catadores de papel e material reciclável nas ruas, têm alcançado uma organização nacional. Os cânticos do Servo Sofredor nos ajudam a acreditar e a apostar nestes movimentos, assim como a participar solidariamente de suas lutas pacíficas por terra, pão e liberdade. É esta opção, não apenas preferencial, mas prioritária e radical pelos excluídos do mundo, preferidos de Deus, que nos fornece a melhor lente para reler, compreender e vivenciar, hoje, os cânticos do Servo Sofredor de Deus Amor.